



SESSÃO COORDENADA 08 - EXPERIÊNCIAS DE ENSINO
COORDENADORES: ISAMARC GONÇALVES LÔBO, IVANALDA DANTAS
NÓBREGA DI LORENZO & GUSTAVO ALENCAR DE FIGUEIREDO

O ESPAÇO DAS RUAS E AS POSSIBILIDADES DO ESTUDO HISTÓRICO NA EDUCAÇÃO

João Paulo França¹

RESUMO

O presente trabalho procura inserir o espaço da Rua nos estudos históricos e análises da cidade moderna na Educação. Entendendo o mundo urbano como plural e marcado pela diversidade de pessoas e grupos sociais que cotidianamente transitam e voltam sua atenção para tal ambiente, procuramos apresentar os diferentes olhares e percepções sobre este espaço, que acaba sendo criado, não só arquitetonicamente, mas também simbolicamente. Como um *flâneur* que faz sua imersão na urbe, tentamos encontrar os possíveis percursos pelo progresso material da cidade. Assim, é construído todo um processo de memória coletiva dominante que tem como objetivo lembrar e perpetuar certos grupos sociais abastados, em detrimento de outros, como os populares por exemplo. Tentamos identificar no caso concreto de Campina Grande-PB, exemplos das possibilidades do uso do espaço da Rua para atrair maior atenção dos estudantes para o Componente Curricular História.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Rua. Território. Educação.

INTRODUÇÃO

O ensino do Componente Curricular História no âmbito da Educação Básica no Brasil atual é um importante desafio que cotidianamente atrai a atenção dos professores, pesquisadores, estudantes e demais profissionais que debatem os rumos da formação humana no âmbito do ensino da população.

¹ IFRN - joao.paulo@ifrn.edu.br

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) são os documentos básicos que norteiam a Educação no Brasil, todavia não se observa um aprofundamento na forma como a educação será pensada para tornar mais próximo do cotidiano dos estudantes às ciências que tratam da formação humana dos indivíduos.

Uma especial dificuldade se coloca em relação ao componente Curricular História, haja vista seu caráter eminentemente discursivo. Trazer seus conteúdos programáticos e postulados para o cotidiano do educando não é tarefa fácil para o professor, que mais das vezes tem que enfrentar perguntas clássicas, tais como: este conteúdo vai me auxiliar em quê? Por que história é tão distante da realidade? Vou fazer curso técnico, ou faculdade na área *x*, logo não necessito saber história... Ressalte-se que muitos estudantes só enxergam a importância do estudo da História no contexto de vestibulares ou das avaliações nacionais, a exemplo do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) que qualifica para a entrada no Ensino Superior e uma série de programas educacionais atuais, a exemplo do PROUNI (Programa Universidade para Todos) e o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil).

Neste cenário, este trabalho trás a perspectiva, não necessariamente inédita, de contribuir para o ensino de História no sentido de lançar luz sobre uma maneira de conhecer a História Urbana Brasileira, utilizando como caso concreto a cidade de Campina Grande, Paraíba, mas que certamente poderia ser expandida para os estudos de outras experiências urbanas, onde o estudante esteja inserido.

Seguindo os passos daqueles que se encantaram com a vida nas cidades, a exemplo de Cronistas como João do Rio, em seu livro *A Alma Encantadora das Ruas*, ou mesmo do campinense Cristino Pimentel, em sua coluna *Coisas da Cidade*, editada em diferentes jornais, procuramos captar um pouco desta “alma encantadora” das Ruas, fazendo assim um movimento de apresentação, descrição e conhecimento das “coisas da cidade”, contribuindo para lançar luz sobre o passado, captando passagens e aspectos das esquinas, das praças, dos bancos a sombra das gameleiras, das marquises, dos “vazios” e das “multidões”. Neste aspecto, a Rua se desnuda em sua arquitetura e em seus territórios, dando vida ao mundo urbano, e por consequência a História local².

Após pontuarmos as mudanças físicas do espaço urbano e como os moradores e transeuntes acolhem tais transformações, procuramos por fim compreender o processo

² Utilizamos o conceito de “território” baseado em ROLNIK, 1992.

de disputa no campo da memória. Nomear Ruas e Praças não é um mero ato de Governo distante do cotidiano. Na verdade, este processo passa pelo campo da disputa da memória dominante do lugar, onde podemos compreender o que se buscou lembrar e o que se procurou esconder. Neste sentido, nomes de pessoas e datas são enaltecidos, ao passo que outros nomes e grupos populares, como os negros, mulheres, foram relegados ao esquecimento.

A HISTÓRIA A PARTIR DO ESTUDO DAS RUAS

Aliar os conhecimentos teóricos da ciência História com a realidade vivida pelo educando é um importante desafio que se apresenta cotidianamente no chão da sala de aula nas escolas brasileiras. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem:

O ensino e a aprendizagem de História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas (BRASIL, PCNs, 1997, p.49).

Percebe-se que o “ensino e a aprendizagem de História”, segundo os PCNs, devem ser norteados pelo cotidiano do educando, para que assim ele possa compreender as “permanências e transformações no modo de vida” de “sua localidade”. Seguindo este mote, compreendemos que o estudo a partir das ruas pode ser uma importante porta de entrada para atrair, dinamizar e tornar próximo a realidade vivida do educando os conceitos e fundamentos básicos do componente curricular História. Conceitos tais como tempo, sujeito histórico, fontes históricas podem ser observados a partir de uma realidade concreta, ou seja, o espaço da Rua³.

A análise de imagens em uma sequência temporal pode nos dar importantes pistas acerca da noção de tempo e sua passagem certamente será melhor capitada pelo educando. Fotografias, jornais, propagandas, crônicas, relatos de vizinhos e outros meios constituem importantes fontes, portas de entrada para desvendar o passado de

³ Etimologicamente a palavra Rua vem do Latim *ruga*, “ruga, dobra, sulco”. Uma explicação possível seria porque na época do início de Roma, as ruas tinham profundos sulcos, deixados pelas rodas das carroças, o que lhes dava um aspecto de enrugadas, sulcadas. Informações constatadas IN: www.origemdapalavra.com.br, acesso em 06/06/2015.

uma Rua e conseqüentemente seus sujeitos históricos, que serão “revelados” pela pesquisa empreendida pelo estudante.

Vivemos em maioria num mundo urbano, que longe de ser unificado se mostra de maneira plural, marcado principalmente pela diversidade. Esta é perceptível pelas características de cada Rua, pelas especificidades criadas por seus moradores e transeuntes. Sendo assim, os pressupostos da História Cultural nos permitem compreender, através das fontes, como os diferentes grupos sociais recebem as transformações que ocorrem nas Ruas da cidade e como os indivíduos dentro destes grupos se apropriam das mudanças e as redimensionam no seu dia-a-dia⁴.

A Rua é um canal que, utilizamos baseados em Michel de Certeau, para observar as práticas cotidianas dos diferentes segmentos sociais em sua relação com a cidade moderna⁵. Assim, a história se torna mais próxima do estudante, pois o mesmo passa a compreender que está inserido em um mundo construído temporalmente, tomando conhecimento mais profundo da realidade circundante, logo trazendo os conceitos históricos para sua prática cotidiana.

Para estudar o cotidiano, o educando pode ser levado a refletir sobre as transformações pelas quais passaram as cidades, principalmente, a partir das mudanças nas Ruas. Vejamos o que Maria Paula do Amaral Dick nos diz:

A rua é ponto singular de atração da cidade, um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. Para ela tudo converge, desde o fato corriqueiro do dia a dia, o simples entra e sai das casas até as grandes comemorações solenes ou festivas (DICK, 1996. p. 133).

A vida urbana tem seu pulsar no espaço das ruas. O passar do tempo pode ser apreendido não só nas fachadas das casas e nas mudanças arquitetônicas, mas também na memória de seus moradores e na captação das mudanças funcionais que as ruas sofrem ao longo do tempo, seja com o passar dos anos, ou mesmo no cotidiano, com a constituição dos diferentes territórios. A Rua não é um espaço frio e imutável, ela

⁴ Sobre os conceitos de “representação” e “apropriação” ver CHARTIER, 1990. Estes conceitos são importantes para a nossa investigação histórica no sentido que compreendemos, baseados em Chartier, que há uma representação do mundo exterior, de uma Rua, por exemplo, e esta representação é “apropriada” pelos transeuntes, pelos moradores, pelas autoridades, nem sempre de forma harmônica, mas com a reconfiguração que cada grupo ou indivíduo imprime a sua experiência com tal espaço representado.

⁵ Utilizamos o conceito de “práticas cotidianas” de Michel de Certeau, para compreender as ações do “homem ordinário”, com suas “astúcias” e suas “táticas” para desenvolver suas práticas no cotidiano de resignificação da realidade vivida. O mesmo não é um agente passivo, mas com suas burlas e desvios (re)inventa o cotidiano Ver: CERTEAU, 2009.

carrega consigo os diferentes registros da história do lugar e por consequente dos sujeitos históricos.

A RUA E OS SENTIDOS: UMA INTERPRETAÇÃO DA DINÂMICA URBANA PELO ATO DE ‘FLANAR’

Para compreender os processos de transformações históricas do espaço urbano recorreremos também ao método de “flanar” pela cidade, por intermédio das fontes. “O *Flâneur* ou o ato de Flanar como método e metodologia de análises dos espaços urbanos revela uma postura de análise miúda, em que o centro de preocupação está estabelecido nos processos cotidianos e na percepção diretamente vinculadas àqueles que vivem na cidade” (NÓBREGA, 2010, p.166).

Assim, encontramos em Walter Benjamin e seus estudos sobre Baudelaire, aquilo que procuramos compreender acerca deste personagem da cidade, o *‘flâneur’*. Como nos diz Walter Benjamin, citado por Nóbrega:

O flâneur, com a sua capacidade de observação, consegue identificar as questões mais diversas na dinâmica da cidade, ele não só a observa, mas, interfere astutamente, pois, é frente à cidade um detetive, um investigador ou algo parecido. Os atributos do flâneur são de fundamental importância para estabelecer os vínculos, identificar as falhas, ou seja, para recompor, ainda que mentalmente, os diálogos próprios à cidade e ao meio que ela evoca. Justificando um controle social elaborado pelos que a habitam e não por elementos externos ao tecido cotidiano que não entendem os nuances que compõem o mosaico complexo que a cidade enreda. (BENJAMIM, Apud NÓBREGA, 2010, p.164-165)

Portanto, assumir a postura do *‘flâneur’* com o objetivo de apreendermos um pouco da dinâmica das Ruas é uma forma de compreensão do passado e da história local. Seguimos desta forma, os passos de Cronistas como João do Rio, ou Lima Barreto, que com sua caderneta e lápis na algibeira saía às Ruas e subúrbios do Rio de Janeiro para captar esta espécie de pulsação da cidade⁶. Também, assim o fez Gilberto Freyre, quando ao longo do ano de 1924, percorreu ao lado de seu irmão Ulisses, montado em sua bicicleta inglesa, boa parte dos Logradouros do Recife, procurando “reminiscências mouriscas nas Ruas velhas do Recife”⁷. Como destaca Arrais, podemos

⁶ RIO, 2007 e BARRETO, 1995.

⁷ Informação constatada por Raimundo Arraes, In MONTENEGRO, 2008. p. 405.

percorrer a cidade por meio da evocação dos sentidos, e particularmente, do olhar e do olfato, para compreendermos o espaço das Ruas:

O narrador exercita seus sentidos na contemplação das Ruas, dos Largos, praças e sobrados e na absorção dos odores que escapam das velhas janelas, impregnam os sentidos e arrancam vagas, mas marcantes “sugestões” daquele que se entrega à experiência de percorrer a cidade (ARRAIS, 2008, p. 404.)

Partindo das memórias de indivíduos podemos traçar diferentes percursos pelo espaço urbano de uma cidade. E ao caminhar por tais espaços presenciamos não só construções físicas, edifícios, Ruas e praças edificadas, mas passamos a conhecer os diferentes territórios construídos historicamente.

O NOME DA RUA: A DISPUTA DA MEMÓRIA⁸

Pensemos no seguinte itinerário no Centro de Campina Grande-PB: Saindo da *Rua das Barrocas*, pela *Rua do Meio*, atravessando pela *Rua do Emboca*, subindo pelo *Beco dos Bêbados* até a *Rua das Gameleiras*, atravessando pelo *Beco do Atoleiro* até atingir a *Rua dos Armazéns*, de onde ao Norte pode-se ir pela *Rua das Areias* ou ao Sul pode-se ir pela *Rua da Cadeia* até a *Rua do Rói Couro*...

Difícil de caminhar e, certamente, mais difícil encontrar um morador de hoje que consiga dar conta de mostrar todo este percurso ao nobre leitor. Também não adianta buscar informações nas placas das Ruas, ou nos mapas atuais. Isto se dá exatamente porque não foi esta, a nomenclatura acima, a dominante na memória das Ruas da cidade. Os nomes que esquadrimos no nosso percurso, provavelmente, seriam bem mais conhecidos no início do século XX pelos habitantes de Campina Grande.

O que chamamos de “memória dominante” diz respeito ao que hoje conhecemos de nossa história e foi construído com o processo temporal por meio das Ruas⁹. Os populares nomeiam o espaço e o Poder Público interfere de modo a estabelecer suas diretrizes, deixando aquilo que pretende ser lembrado e expurgando o que se almeja esconder ou renegar ao esquecimento. Como nos diz Tríssia Ordovás Sartori:

⁸ A temática em relação ao estudo da Toponímia (do Grego, *tòpos*, ‘lugar’, e *ònoma*, ‘nome’, ou seja, estudo dos nomes dos lugares) e uma de suas subdivisões Hodonímia (do Grego, *hodòs* ‘via, estrada’ e *ònoma*, ‘nome’, ou seja, o estudo dos nomes das Ruas e Praças) são campos de estudos bastante difundidos no campo das Letras. Em relação ao estudo da Toponímia Ver: DICK, 1980; e DICK, 1996.

⁹ Utilizamos o conceito de “memória”, baseado em NORA, 1993 e POLLAK, 1989.

Para nomear é preciso fazer uso da língua e é através dela que se revelam as facetas do Poder. Segundo Trask (2004, p. 164), a língua pode ser usada como instrumento de pressão política e esse uso está longe de ser raro. Visivelmente, a língua pode ser usada quer para validar um grupo social ou entidade política, quer para negar sua validade (SARTORI, 2010, p. 70).

Determinadas nomeações das Ruas de Campina Grande possuíram este pensamento intrínseco. Ao analisarmos os atos de escolhas de um nome próprio, de um enunciado ou até mesmo de palavras, compreendemos que isto não ocorre de forma aleatória, sempre há desejo e valores, ou seja, uma “intenção” por trás de cada significado. O espaço público, a partir do momento que é nomeado, contém a memória de um grupo que o ‘batizou’, ou de parte dos indivíduos deste grupo que fizeram prevalecer sua vontade, tornando-a ‘dominante’. Estabelece-se, desta forma, uma identidade que produz a significação do espaço, cuja denominação de alguma forma está inserida no contexto social, político ou mesmo cultural da Urbe.

Segundo Maria Vicentina do Amaral Dick, citando Marx, o nome dos lugares lança luz sobre a “evolução” das cidades e abrem novas perspectivas para o estudo da urbanização, da vida e do espaço urbano em geral. A história demonstra a importância dos nomes que se dão aos logradouros públicos. Esses registram no tempo e na memória a evolução sociopolítica e cultural de um lugar. São espelhos de uma época, registros da memória (DICK, 1992, p. 21).

Como o espaço físico, também o espaço da memória é disputado. As denominações pelas quais os populares nomearam os logradouros sofreram o processo de intervenção governamental. Mas, aí temos dois caminhos: ou o novo nome torna-se aceito e “cai na boca do povo”, ou é relegado ao esquecimento. Um exemplo típico é o famoso calçadão da cidade de Campina Grande. Cotidianamente, camelôs expõem seus produtos, velinhos se encontram e colocam o papo em dia, intelectuais fazem análises políticas, esportivas, culturais, etc. e transeuntes passam as centenas de um lado para o outro. Este espaço tem o nome oficial de “Rua Jimmy Oliveira”, contudo, para os usuários trata-se do “Calçadão”, simplesmente, ou do “Calçadão da Cardoso Vieira”, designação do prolongamento da Rua.

De maneira especial os nomes dos espaços físicos não escapam do desejo de certa camada social, representada por políticos ávidos por nomear Praças, Ruas, Viadutos, Escolas, ou o que mais lhe for útil para garantir a perpetuação dos nomes de pais, parentes ou de famílias “influentes”, em detrimento de nomes de populares e camadas sociais diferentes, como negros e mulheres, por exemplo. Desta forma, a

própria nomenclatura oficial sofre suas mudanças, ao sabor do grupo político que seja o dominante em determinado período. Exemplificando, podemos observar o percurso histórico da *Rua das Areias*.

Com certeza, este não seria o nome pelo qual o Poder Público desejava que fosse conhecida uma importante Artéria do Município de Campina Grande. Para os populares tratava-se de um lugar que predominava muita areia, mas que o Poder Local preferiu “batizá-la” com o pomposo nome de Rua Dr. João Leite. Com a morte do então presidente do Estado em 1930, cuidaram logo de mudar o nome desta Artéria para Rua João Pessoa. Ressaltamos que em Campina mudaram apenas o nome desta Rua e fizeram uma Praça com estátua em sua homenagem no mesmo espaço, mas, na capital cuidaram de mudar o próprio nome da cidade de Parahyba para João Pessoa, nome atual, além é claro da própria Bandeira do Estado, onde se mudou das cores “verde-e-branco” para o atual “rubro-negro”¹⁰.

Observemos o roteiro que propomos inicialmente: Saindo da *Rua Vila Nova da Rainha*, pela *Rua Afonso Campos*, atravessando pela *Rua Peregrino de Carvalho*, subindo pela *Travessa Cavalcanti Belo* até a *Rua Maciel Pinheiro*, atravessando pela *Rua Monsenhor Sales* até atingir a *Rua Marquês do Herval*, de onde ao Norte pode-se ir pela *Rua João Pessoa* ou ao Sul pode-se ir pela *Praça Clementino Procópio* até a *Rua Major Jovino do Ó*. Pois bem! A canseira para os pés continua, afinal é uma grande volta pelo de Centro de Campina Grande, porém, certamente o leitor encontrará tal nomenclatura nas placas, afinal, foi esta a memória que triunfou e foi dominante até esta data de 2015 nas Ruas centrais de Campina Grande.

Comprendemos que o simples ato de aposição de uma placa para indicar o nome de uma Rua não é um ato deslocado, alheio a realidade das vivências e territorialidades da Urbe. Paradoxalmente, ela pode até conter certa falta de conhecimento (em relação ao morador não saber quem foi Maciel Pinheiro, por exemplo), mas até mesmo nisso estão ocultos interesses do ponto de vista histórico e são importantes para a compreensão das relações sociais e da memória que foi triunfante por meio da nomeação e renomeação dos Logradouros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁰ A estátua de João Pessoa foi em 1931 colocada na antiga “Praça do Algodão” (entre as ruas Marquês do Herval, João Leite e Sete de Setembro), que passou a chamar-se Praça João Pessoa. Todavia, em 1937 foi removida pelo prefeito Vergniaud Wanderley para a Praça Cel. Antonio Pessoa, no final da Rua Irineu Joffily, onde se encontra atualmente. (CÂMARA, p. 116 e p.127).

As possibilidades de estudarmos e tentarmos compreender o passado são diversas. Neste sentido, reiteramos que as Ruas são um palco privilegiado para a compreensão das vivências dos habitantes de uma cidade. Analisando as transformações físicas pelos quais os Logradouros passaram, é possível identificar algumas das mudanças de hábitos e práticas de sociabilidade dos moradores em certos momentos históricos dentro do recorte espacial e temporal. Esta forma de adentrar os estudos históricos passa a ser uma forma interessante de trazer o estudante da educação básica para a realidade a qual o mesmo está inserido.

Caminhar pelas Ruas das metrópoles hoje, igualmente a investigar as mudanças do espaço urbano e as implicações destas alterações na vida dos moradores não é algo fácil, e novos desafios sempre se impõem à pesquisa histórica. Em cada esquina, a cada cruzamento, nas praças e jardins da Urbe, múltiplas vivências e encontros se dão todos os dias entre indivíduos que, com suas particularidades (re) significam os ambientes e criam territórios para si e para seus grupos. Todavia, não é sempre que encontramos de forma clara estes territórios, pois muitos sujeitos históricos atuaram para enaltecer, ou em sentido contrário, silenciar os indivíduos de determinadas camadas sociais e seus territórios.

Diante deste quadro, podemos perceber que o historiador tem um trabalho árduo, todavia, muito importante, no sentido de tentar captar esta multiplicidade de sentidos e formas da cidade moderna e de seus habitantes, tornando possível aos contemporâneos compreenderem um pouco das lógicas urbanas. No presente lançamos luzes com possibilidades de conhecimento do passado através do ambiente “concreto” e ao mesmo tempo “simbólico” das Ruas.

Cabe-nos ressaltar ainda que as fontes pesquisadas nos informaram mais que meras descrições dos ambientes e personagens. Elas nos apresentaram singularidades que permitiram “visitar”, ou melhor, “flanar” por tão amplos espaços de sociabilidade.

Tendo como ‘fio condutor’ o estudo das ‘Ruas’, primeiro, em sua dimensão física, considerando o surgimento das trilhas e caminhos até chegar às construções arquitetônicas, e secundariamente, na dimensão simbólica, no caso, o processo de nomeação e renomeação do espaço e a construção de uma memória coletiva dominante, apresentamos uma possibilidade de uso na educação dos preceitos do Componente Curricular História para trazer ao educando uma forma de aproximar a escola do cotidiano vivido.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, Raimundo. Possuindo os lugares: Gilberto Freyre e a mobilização dos sentidos na apreensão da cidade In: **História: Cultura e Sentimento: outras Histórias do Brasil**. MONTENEGRO, Antonio Torres *et al* – Co-Edição. Recife: Ed. da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008.
- BARRETO, Lima. **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- BRASIL, MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC, 1997.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1997.
- CÂMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. Campina Grande: Ed. Caravela, 1998, 164 p.
- _____. **Os Alicerces de Campina Grande**. 3ª Edição. Campina Grande, Edições Caravela, 2006. 120 p.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1- Artes de fazer**. 16ª Edição. Trad.: ALVES, Ephraim Ferreira. Petrópolis, Vozes, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica**. Princípios teóricos e modelos taxonômicos. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 1980.
- _____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1992, p. 21.
- _____. O nome da Rua IN: **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897**. São Paulo, 1996. p 131-269.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010, 187 p.
- NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. **Antigos lugares, novos temas: os sinais do tempo no bairro da Boa Vista**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História - A problemática dos lugares**. In: Proj. História. Tradução: KHOURY, Yara Aun. São Paulo, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy, **História e História Cultural**, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2008.
- PIMENTEL, Cristino. **Abrindo o livro do passado**. 1ª Edição. Campina Grande: Editora Teone, 1956.
- _____. **Abrindo o livro do passado**. 2ª Edição. Campina Grande: EDUFCG, 2011.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos. Tradução: FLAKSMAN, Dora Rocha Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RIO, João do, **A alma encantadora das ruas – Crônicas**, São Paulo, Ed. Martin Claret, 2007.
- RODRIGUES, José Edmilson et al. **Memorial Urbano de Campina Grande**. Paraíba. Prefeitura Municipal de Campina Grande. João Pessoa: A União, 1996.281 p.
- ROLNIK, Raquel. História urbana: História na cidade? In: **Cidade e história**. FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio A F. Salvador: UFBA/ Faculdade de Arquitetura. Mestrado em arquitetura e urbanismo: ANPUR, 1992.
- SARTORI, Tríssia Ordovás. **Ruas de minha cidade - um estudo hodonímico**. Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, Caxias do Sul, UCS, 2010.

SITE

www.origemdapalavra.com.br, acesso em 06 de junho de 2015.